



## Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo  
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

**Thiago do Amaral Biazotto<sup>1</sup>**

### Os persas aos olhos gregos: a retórica do outro no Mundo Antigo

García Sánchez, M. (2009). *El Gran Rey de Persia: formas de representación de La alteridad persa en el imaginario griego*. Barcelona: Instrumenta 33.

O eminente historiador francês François Hartog (1946-), em seu clássico *O espelho de Heródoto* (1980), assevera que "sem grego, nada de bárbaros" (1999: 326). É muito verdadeira tal máxima. Contudo, pode-se assentir que sua recíproca também é válida, de modo que "sem bárbaro, nada de gregos". A construção das identidades gregas se imbrica de maneira visceral à edificação das alteridades bárbaras. E entre todos os bárbaros com os quais se defrontaram os habitantes da Hélade, aqueles que possuíam hábitos mais aberrantes, espúrios e hediondos eram os persas, epítomes do despotismo, do fausto e da tirania asiáticos. E entre todos os persas, aquele que conjurava todos os vícios era o Grande Rei, maior "encarnação da *hýbris* despótica", como também afirma Hartog em *Memórias de Ulisses* (2004: 96). Foi com base nestas premissas que o historiador Manel García Sánchez escreveu a obra *El Gran Rey de Persia: formas de representación de la alteridad persa en el imaginario griego* (2009), cujo objetivo ingente é enxergar a dinastia aquemênida por meio dos olhos gregos.

Manel García Sánchez é licenciado em Filosofia e História pela Universidade de Barcelona e possui doutorado em História pela mesma instituição, com tese que deu origem ao livro resenhado orientada por José Remesal Rodríguez (Universidade de Barcelona) e Francisco Javier Fernández Nieto (Universidade de Valencia). García Sánchez, hoje, é professor da Faculdade de Geografia e História, no departamento de Pré-História, História Antiga e Arqueologia, da Universidade de Barcelona e pesquisa temas relacionados ao Mundo Persa, às relações entre Roma,

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Unicamp. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, com pesquisa voltada ao Mundo Helenístico, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari. Gostaria de registrar os seguintes agradecimentos: ao professor José Remesal Rodríguez, catedrático de História Antiga da Universidade de Barcelona, que em visita ao Brasil sugeriu-me a leitura do livro resenhado. Agradeço também ao próprio professor Manel García Sánchez por, muito gentilmente, ter fornecido os dados sobre sua formação e encorajado-me a redigir esta resenha e, por fim, ao meu orientador, professor Pedro Paulo Funari, por suas explicações acerca da tradição do estudo da Antiguidade na Espanha, fundamentais na feitura deste texto.

os arsácidas e o Império Sassânida, às mulheres na Antiguidade e à epigrafia grega nas ânforas. É também de sua autoria *Las mujeres de Homero* (Valencia, 1999).

A obra é dividida em oito eixos temáticos, além da justificativa metodológica e a conclusão. Em cada um, García Sánchez analisa um aspecto específico da alteridade persa: o conceito de realeza, os aspectos morais do Grande Rei, os embates na sucessão do Império, as mulheres e os eunucos do monarca, sua religião, suas participações em batalha e, por fim, seus suntuosos banquetes. Cada capítulo se inicia com uma exposição geral acerca do tema estudado e, na seqüência, de que forma ele era visto pelos gregos em cada um dos Grandes Reis; Ciro, Cambises, Dario, Xerxes, Artaxerxes, Xerxes II, Dario II, Artaxerxes II, Ciro, o Jovem, Artaxerxes III, Artaxerxes IV e, finalmente, Dario III, cuja derrota frente a Alexandre decreta o fim do Império persa.

O primeiro capítulo explicita a metodologia e a documentação empregadas na pesquisa. Adotando uma perspectiva de longa duração, García Sánchez opta por fontes tanto textuais quanto iconográficas, usando dos escritos de autores como Heródoto, Xenofonte e Ésquilo e da *Avesta* - coletânea primacial do zoroastrismo persa- além dos ditos historiadores de Alexandre e escritores latinos, como Cícero e Sêneca, ciente de que a representação do Mundo Persa como um espaço de luxúria e tirania ilimitadas é produto de uma retórica grega que não se limita a avaliar os hábitos aquemênidas, mas, e, sobretudo, de refletir sobre seus próprios, numa complexa dialética de identidades e alteridades.

O tópico “Los bárbaros y El Bárbaro, los persas e El Persa: La retórica de La alteridad” é de cunho teórico e discute a criação das identidades e alteridades helenas, argumentando que a prática de ridicularizar, difamar e injuriar os persas tinha suas raízes no medo arrebatador que sua presença nos negócios da Hélade provocava. O bárbaro, deste modo, é uma invenção grega e sua imagem de arauto da luxúria, crueldade e desmesura nasce de uma espécie de tática de auto-defesa hermenêutica, cujo ponto de inflexão foi Guerras Médicas. A vitória marítima de Salamina (480 a.C.) fez com que os gregos passassem a se ver como emissários da civilização, da sobriedade e da temperança, frente à arrogância bárbara (p. 52).

“Realeza grega *versus* realeza irania” se propõe a investigar os sistemas de governos presentes nas duas civilizações. Na visão helênica, em particular Aristóteles, a política da Ásia é em essência tirânica, com um líder despótico que usa da violência para unificar cidades distintas sob a égide do Império (p.56). Tal interpretação, todavia, liga-se aos próprios excessos da democracia ateniense que, de acordo com García Sánchez, nunca fora vista pelos socráticos como forma de governo ideal (p.63). O historiador também alerta para a visão equivocada dos gregos a respeito de uma aura divina em torno do Grande Rei quando, a bem da verdade, o soberano era tão somente um intermediário entre as esferas divinas e

humanas e sua legitimidade era alcançada mediante o cumprimento de diversos requisitos, entre os quais o *omen*, espécie de presságio divino que indicaria primazia na sucessão imperial (pp. 75-8). Na seqüência do livro, são investigadas as formas através das quais os helenos avaliavam cada um dos monarcas aquemênidas.

Ciro, o Grande, gozava de notável prestígio, sendo o “espelho dos príncipes”, responsável pela criação de um Império no qual o respeito às particularidades era a ordem do dia, visão que encontra respaldo na *Ciropédia*, de Xenofonte (p. 99). Sua grandeza era de tal ordem, que, após sua morte, só restaria aos persas o declínio, iniciado com o domínio de Cambises, seu filho, tido por sacrílego insano e líder militar menor. Esta visão nasce das campanhas no Egito, movidas pelo orgulho do monarca perante a recusa do faraó Amásis em conceder a mão de uma de suas filhas em casamento. Frente à tamanha desídia, Cambises se lançou colericamente às terras faraônicas, cometendo infâmias como queimar o cadáver de seu antagonista. A empresa, ademais, foi revestida de vilipêndio pela hedionda prática da antropofagia, como resultado da fome dos soldados persas em meio à desolação do deserto (p.106-7). Dario, rei pela graça de Ahura Mazda, possui interpretação menos ultrajante, talvez fruto da derrota sofrida em Maratona (490 a.C.), que, a ver dos gregos, atestava a supremacia de seus valores e técnicas militares (p. 122). Seu erro mais sombrio foi negligenciar a educação do filho Xerxes, que desandou num dos luminares da crueldade e do despotismo asiático, conforme representado em *Os Persas*, de Ésquilo. Atos como assistir de seu trono ao massacre promovido pelas hordas sobre os soldados de Leônidas ou incendiar a acrópole de Atenas corroboram esta visão. Xerxes, encarnação de *hýbris*, morreu assassinado, dando origem a outra conhecida narrativa da alteridade persa: as intrigas e os complôs do harém. A tentativa de Artaxerxes, seu sucessor, de castigar os sicários de seu pai – numa busca também experimentada por Alexandre – fez com que o retrato desse monarca fosse um tanto mais brando (p. 137). Após sua morte, sobe ao trono Xerxes II, cujo reinado foi mísero, abrindo caminho para Dario II, um bastardo cujo reinado foi balizado pela influência de sua esposa Parisátide, fato também notável durante o governo de Artaxerxes II, tido como um reles títere benigno nos mãos de sua mãe, esposas e eunucos. (p.143). Já Ciro, o Jovem, possuía um “amor helênico pela liberdade”, um “filohelena”, arqueiro habilidoso e de palavra inquebrantável, traços diametralmente opostas as de Artaxerxes III, cuja crueldade empregada na reconquista do Egito se tornou legendária. Também notável foi sua morte; fora envenenado pelo eunuco Bagoas, que se tornou o verdadeiro mestre a comandar o Império sob Artaxerxes IV, fazendo deste mero fantoche. O último representante da dinastia, Dario III, foi eclipsado pelas façanhas de Alexandre e havido como o covarde que bateu em retirada da maneira mais infame das batalhas de Isso (333 a.C.) e Gaugamela (331 a.C.)

O capítulo “El Heredero del Gran Rey e las luchas fraticidas” se presta a escrutinar processo de sucessão imperial, muitas vezes envolto em complôs

intricados e lutas fratricidas, nos quais os monarcas não eram mais que lacaios do poder sedutor do harém (p.155). Também digno de nota é a reprovação, por parte dos autores gregos, do hábito de os Grandes Reis designarem eunucos para instruírem seus filhos, o que concorreria para o caráter corrompido dos futuros soberanos. (p. 161). É também o harém o tema do capítulo “La Conjura Del Harén: las mujeres y los eunucos del Gran Rey”, no qual García Sánchez avalia as visões gregas sobre o serralho aquemênida. Neste cenário, as mulheres do Grande Rei eram o supra-sumo daquilo que simbolizava o Oriente: o luxo desmedido, a crueldade irrefreável a lascívia incontrollável, como antíteses perfeitas de uma sociedade patriarcal como a grega (p. 179). Elas, rainhas, princesas ou concubinas, estavam todas sob o signo sangrento da vileza e da esqualidez. García Sánchez afirma que o papel principal da mãe do Grande Rei era a legitimidade dinástica, o que explica Alexandre ter adotado Sisigâmbis, mãe de Dario III, como filiação (p.181). Já às esposas era dado o aspecto de dominadoras dos reis, que, em absoluto, se rendiam aos seus frívolos caprichos. As filhas e irmãs eram instrumentos governamentais, úteis para casamentos com fins políticos. Cabe destacar, ademais, que as regras do casamento entre parentes diferia das dos gregos e os levavam a considerá-los práticas incestuosas. A manutenção de concubinas na Corte também foi digna de desprezo, ainda mais por estas influírem politicamente na vida do Império (pp.186-8). A poligamia, chancelada pela *Avesta*, também foi motivo de desprezo, assim como os eunucos – varões mutilados –, em especial o egípcio Bagoas, que, não contente em matar Artaxerxes III, mandou dar seus restos mortais aos gatos e fazer um cabo de punhal com seu fêmur (p. 211).

“La Religión del Gran Rey” é o sétimo capítulo, investigando as práticas religiosas de cada um dos monarcas, temática sobre a qual quem mais se debruçou foi Heródoto, ao descrever uma religião que gerou dúvidas nos historiadores acerca de sua natureza, tida tanto como o zoroastrismo como um culto anterior (p. 224). É acentuado o erro cometido pelo historiador de Halicarnasso ao considerar Mitra uma divindade feminina, associando-a a Afrodite - equívoco fruto de olhos helenocêntricos -, corrigido por Estrabão (pp. 226-31). Segue-se uma discussão sobre a *proskýnesis*, o ato de curvar-se frente ao monarca, tido pelos gregos como uma das marcas mais indelévels da barbárie asiática, mas, a dar crédito ao autor, trata-se de uma prática que visava à demonstração de respeito e demarcação de hierarquia (p. 239). Da parte de cada um dos Grandes Reis, Ciro era visto como piedoso aos cultos não-persas, virtude apreciada pelos helenos. Cambises, por outro lado, era arbitrário e cruel, a cometer sacrilégios como os supracitados. Dario ficou conhecido por lastrear seu governo na proteção do criador do céu e da terra, Ahura Mazda, ao passo que Xerxes cumpria a sina da profanação e, ademais, interpretava de modo errôneo os prodígios de seus magos. De Artaxerxes em diante, os relatos rareiam (p. 267).

O tópico “El Gran Rey en La Guerra: escenas de La derrota y La huida” assegura que dois foram os maiores lugares-comuns da visão grega sobre a presença dos Grandes Reis nos prélios: sua imagem como covarde que não pelejava à frente de suas tropas - fugindo das contendas ao menor sinal de perigo - e que a empresa da guerra apenas era levada a cabo pelos aquemênidas por caprichos ou frivolidades, só escapando, em termos, Ciro (p. 280), ao passo que Cambises e Xerxes eram epítomes da arrogância, e o último ainda teve a audácia de pisar em solo grego (p. 285). Dario III era o signo da fuga ignominiosa (p. 294). A segunda parte do capítulo é dedicada à cultura material, com as imagens nas cerâmicas áticas, destinadas à representação do medo, da infâmia e do anti-heroísmo no campo de batalha persa (p. 299). Merecem destaque as análises do sarcófago de Alexandre - com macedônios quase desnudos diante de persas cobertos de panos e armas -, um rico vaso de autoria anônima, datado de 330-320 a.C., que possui cenas da indumentária, do trono e dos monarcas aquemênidas (p.320), e, por fim, o Mosaico da Batalha de Isso, presente na Casa do Fauno, em Pompéia, que atesta como a alteridade persa é um fenômeno de longa duração, sobrevivendo até os dias romanos. No mosaico, a expressão de Dario suscitou diversas interpretações, desde a incredulidade do monarca frente à bravura de Alexandre até a ilação de Goethe que via no semblante do Grande Rei a tristeza de quem assiste ao sacrifício dos soldados que tentam a todo custo salvar a vida de seu soberano (p. 324).

O último capítulo é “Los Banquetes Pantagruélicos Del Gran Rey o La cocina de La Alteridad”, que aborda os hábitos alimentares do soberano persa. O banquete na civilização persa era de notável simbologia, envolvendo aspectos econômicos, sociais e políticos (p. 328) e o apete do soberano por iguarias vindas dos mais longínquos rincões faria movimentar todo o sistema de abastecimento do Império (p. 363). Também merece menção o prazer desmedido pelo vinho e todo o ritual em torno dos festins, que esbanjavam opulência, consistindo no “espelho da riqueza imperial” (p. 363). A conclusão da obra consiste em recapitular as considerações feitas ao longo do livro.

Numa analogia mitológica, a imagem criada pelos gregos a respeito dos persas assemelha-se ao aspecto apavorante da Medusa: todos os hábitos do Grande Rei - quer sejam relativos à religião, alimentação, guerra ou trato com suas mulheres e eunucos - são como as furiosas cobras na cabeça da fera, adornando-a de maneira terrível. Encarar a Medusa ou os persas resulta numa morte agonizante. Se o audaz Perseu se certificou de olhar a besta mitológica por meio do reflexo de seu escudo polido, os helenos enxergam os persas através de uma complexa gama de alteridades, numa tentativa de ridicularizar seus opositores como ferramenta para aplacar o pavor por eles provocado.

Diante do que foi exposto, fica patente que o livro é fundamental para os estudiosos das civilizações persa, grega ou das relações entre ambas. Dotada de

erudição assombrosa e narrativa cativante, a obra de García Sánchez deixa, apenas, alguns conceitos – como o de “indoeuropeu”, usando para explicar a natureza da monarquia persa (p. 73-4) – sem maiores explicações, o que eventualmente pode confundir alguns leitores. Tal, contudo, não tira o intenso brilho da obra, sobretudo calcada na tradição germânica e mediterrânica do estudo da Antiguidade, de gigantesco número de referências e notas explicativas bastante extensas, em oposição à tradição anglo-saxão, geralmente mais concisa e direta.

Há um ditado persa do século VIII a.C. que diz “quem difama o outro releva seus próprios defeitos”. García Sánchez parece ter seguido este ponderado adágio na redação de seu livro, que mostra como os helenos, ao diminuírem os persas, ressaltavam suas próprias deficiências, fraquezas e medos.

## Referências

### Bibliografia

García Sánchez, M. (2009). *El Gran Rey de Persia: formas de representación de La alteridad persa en el imaginario griego*. Barcelona: Instrumenta 33.

Hartog, F. (1996). *Memórias de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editoria da UFMG.

Hartog, F. (1999). *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.